

Os sentidos do futebol na relação intercultural entre indígenas e não indígenas: “jogo” e “desempenho” em movimento

ZULEIKA ARAUJO SOUZA*

ANA LUISA TEIXEIRA MENEZES**

Resumo: Apresentamos neste artigo reflexões, a partir de um jogo de futebol entre indígenas guarani e não indígenas, no interior do Rio Grande do Sul. Abordamos a relação intrínseca entre esporte, cultura e sociedade, que precisam ser repensados como relevantes dentro do contexto contemporâneo. Objetivamos, retratar a repercussão subjetiva que o esporte, mais especificamente, o futebol, infere na vida das pessoas, destacando os sentidos desta prática esportiva em diferentes olhares que se confrontam num viver comunitário. A metodologia adotada se enquadra numa perspectiva qualitativa, utilizando-se da pesquisa bibliográfica e diário de campo. Como conclusão, apontamos para a importância de repensar o corpo como princípio estruturante na relação pessoal e intercultural e percebê-lo como parte de um todo, indissociável e importante para a saúde psíquica. Inferimos o quanto o esporte impactou a relação social das culturas germânicas e indígenas, provocando positivamente uma nova perspectiva de relação intercultural no que tange o fortalecimento das relações sociais.

Palavras chave: Interculturalidade; Psicologia; Esporte; Comunidade; Guarani.

The meanings of soccer in the intercultural relationship between indigenous and non-indigenous: “game” and “performance” in movement.

Abstract: We present in this article reflections, based on a soccer game between Guarani and non-indigenous natives, in the interior of Rio Grande do Sul. We approach the intrinsic relationship between sport, culture and society, which need to be rethought as relevant within the contemporary context. We aim to portray the subjective repercussion that sport, more specifically soccer, infers in the lives of people, highlighting the meanings of this sport practice in different looks that confront each other in a community life. The methodology adopted is framed in a qualitative perspective, using bibliographical and field research. As a conclusion, we point out the importance of rethinking the body as a structuring principle in the personal and intercultural relationship and perceiving it as part of a whole, inseparable and important for psychic health. We infer how sports affected the social relation of germanic and indigenous cultures, positively provoking a new perspective of intercultural relation in what concerns the strengthening of social relations.

Key words: Interculturality; Psychology; Sports; Community; Guarani.



* **ZULEIKA ARAÚJO SOUZA** é doutoranda em Psicologia, Bolsista FUNCAP, mestre em Psicologia, especialista em Recursos Humanos, Especialista em Psicologia do Esporte. Graduada em Psicologia. Membro do laboratório OTIUM - Estudos sobre ócio, Trabalho, Lazer e Tempo Livre, do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (PPG/UNIFOR).



** **ANA LUISA TEIXEIRA MENEZES** é Doutora em Educação, mestre em Psicologia, graduada em Psicologia. Docente no curso de graduação em Psicologia e nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e em Educação, na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Vice-líder no grupo de pesquisa CNPq “PEABIRU: educação ameríndia e interculturalidade” (UFRGS/UNISC). Pós-doutorado em Educação (UFRGS).

Introdução

Abordaremos a questão do pertencimento na cidade e superação de preconceito, a partir da prática do esporte inserido na configuração contemporânea, com as novas relações e processos sociais que este engendra, situando essa discussão a partir de um jogo de futebol entre indígenas e não indígenas. A experiência da prática esportiva “futebol” é vivida com todos os conceitos sendo expressos pelo corpo, com as emoções, pensamentos e afetos. Portanto, a Psicologia que enfoca o ser humano precisa cada vez mais estar atenta aos aspectos subjetivos envolvidos e analisar o todo de maneira ampla e complexa (ALMEIDA, 2011).

À medida em que o homem contemporâneo foi se desenvolvendo intelectualmente, reafirmou-se o valor inquestionável da ciência, do conhecimento científico. O corpo tornou-se renegado para segundo plano como algo secundário, concreto, esquecido, e lembrado como meio para atingir um resultado ou advertido por meio de alguma doença somática para informar que o ser humano está adoecendo. Em contrapartida, o corpo precisa ser visto como algo abstrato, cheio de significado e identificado com a imagem do esporte na vida das pessoas tem conduzido nas últimas décadas à inferência de que pode ser considerado como uma atividade central nas sociedades contemporâneas. Assim, o esporte é um fenômeno sociocultural com diferentes formas de manifestação, de acordo com o sentido e a modalidade da prática. Mas sempre perpassado pela subjetividade que expressa o desejo de realização do ser humano que busca a necessidade, entre outras, de emocionar-se, superar-se, jogar, brincar e comunicar-se. Sem o esporte, o

desenvolvimento cultural do homem fica mais empobrecido (BENTO, 2013).

O esporte é um fenômeno que se reveste de características que variam e derivam da complexidade do indivíduo praticante, pois é construído por essa relação, ou seja, o indivíduo interfere na formação e execução da prática esportiva, e esta exerce influência sobre a formação do sujeito (através da transmissão de valores morais, possibilidades de relacionamento e até de adaptações físicas). A prática do esporte, em qualquer modalidade, pode desempenhar importantes funções sociais a serviço de melhor qualidade de vida, melhor educação e mais saúde. Como formação de identidades pessoais e culturais, como meio de integração social, pode auxiliar a desenvolver maior consciência ambiental ecológica.

A prática esportiva considerada enquanto atividade de lazer, se diferencia pelo não profissionalismo e concentra diversas práticas que divergem em relação ao sentido das ações, que incluem desde atividades de lazer até de alto rendimento. Já a prática esportiva enquanto rendimento exprime os valores dominantes do esporte profissional. Quando esta é ressignificada consegue reconstruir-se através de adaptação de regras, objetivos que visam à inclusão, divertimento e participação (OLIVEIRA, 2002).

A sociedade do século XXI tem algumas peculiaridades marcantes, como: compulsiva vontade de mudança, desengajamento, indiferença, distanciamento, modernização obsessiva, vivências intensas, singularidade intensiva e individualismo como padronização. Bauman (2002) sintetiza esse típico modo de vida na expressão modernidade líquida. Essa é a identidade que se ajusta ao mundo das

incertezas, das mudanças, da aceleração e das representações vividas numa sociedade voltada para relações líquidas e efêmeras. Perante essa situação, o sujeito encontra-se perdido, com problemas de identidade, sofre e, em muitas ocasiões, não sabe o que fazer para saber o que verdadeiramente lhe dá prazer e quem ele é perante de tantos semelhantes padronizados.

Diante disso, se evidencia também outro movimento, que são os indivíduos imersos em uma prática esportiva. Esta, com o passar dos anos, cresce e atualmente é considerado um fenômeno social de relevância pela representatividade que tem na vida de algumas pessoas. Talvez seja o fascínio por experiências com significados frente a uma vida atribulada de obrigações, muitas vezes sem sentido, e robotizada, sem tempo para ser.

Desse modo, a Psicologia lança a análise e percepção da prática esportiva que acontece através do corpo, sendo este parte do todo que precisa ser olhado como um ser uno em sua constituição psicofísica.

Futebol: do desempenho ao jogo

De acordo com Farah (1995), Jung já se antecipava a pensar o ser humano na complexidade e na busca da mais ampla expressão do sentido da vida humana. Nessa perspectiva, o fenômeno estudado e observado foi considerado o esporte enquanto lazer e comunicação dialógica que transmite apoio social, maior sentimento de compromisso de pertencimento, identidade, reconhecimento de capacidades individuais próprias e cria um ambiente propício à integração interpessoal, que praticada coletivamente pode ajudar a enfrentar os males decorrentes da vida na cidade, que valoriza os objetos e não as pessoas. Fazer parte de um grupo

atende a necessidade básica de interação social e proporciona outros benefícios psicológicos e fisiológicos.

Esse acontecimento foi observado no processo de aceitação de moradores de uma região, da permanência de indígenas, no interior do Rio Grande do Sul, a partir de uma partida de futebol entre indígenas e não indígenas. Essa interação das pessoas através da prática do esporte coletivo, embora não signifique, obrigatoriamente, sentimento de equipe, o contato em si permite essa interação que, por sua vez, pode desencadear a socialização, respeito à diferença, apropriação do objetivo comum do grupo.

O futebol, embora não seja novo, passou por mudanças na representação social do seu início até o momento atual. Witter (1996) relata que, logo no início da prática do futebol no Brasil, apenas rapazes de classes privilegiadas e imigrantes praticavam o esporte porque o material era importado, sendo o futebol praticado em clubes que precisavam ser pagos para poder jogar. Apenas entre os anos de 1920 e 1930 que os operários e as pessoas comuns começaram a ser incorporados à prática de futebol.

Analisando o esporte moderno, Valter Bracht (1997) afirma que, tão rápido e tão ferozmente quanto o capitalismo, o esporte expandiu-se a partir da Europa para o mundo todo, e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento. Hoje ele é, em praticamente todas as sociedades, uma das práticas sociais de maior unanimidade quanto à legitimidade social.

Reforça o quanto o foco em “ganhar” segue a lógica das normas sociais que valorizam o rendimento e o desempenho. A prática esportiva é

afetada pela cultura e pelos valores propagados da sociedade atual que Han (2017) retrata como a sociedade do desempenho que ultrapassou a sociedade disciplinar que Foucault ressaltou na época como a sociedade que precisava de lei, proibição, que tratava as pessoas como “sujeitos da obediência”. A sociedade atual é mais do que disciplinar: é a sociedade do desempenho. Essa lógica expande-se para vários âmbitos da vida, desde o âmbito laboral, do lazer e o esportivo.

Há muito, o esporte é visto como instrumento facilitador de produtividade, de rendimento. Porém, as possibilidades do esporte podem potencializar o ser humano de forma integral e não somente utilitarista, visando a uma maior produtividade. O que está sendo levantado aqui, não é que não possa vencer, mas o fato de a vitória representar ainda a meta da prática esportiva e o quanto tem relação com essa sociedade do desempenho. Para os indígenas, de maneira contrastante, o futebol é uma prática que se conecta com a experiência de educação corporal, como a dança, a pesca, as caminhadas, as formas de brincadeiras das crianças, evidenciando a centralidade do movimento corporal como base da aprendizagem.

Problematizamos a partir de uma imagem do futebol uma história de “superação” do preconceito com indígenas no interior do Rio Grande do Sul, no município de Estrela Velha, no Vale do Rio Pardo. O trabalho de pesquisa que se estendeu do ano de 2013 até 2016 teve um caráter participativo com um embasamento da Psicologia Comunitária, a partir de um olhar e ações voltadas para o desenvolvimento dos potenciais desta aldeia, tanto em seu entorno, como na universidade. Ainda que nesta pesquisa

não tenhamos investigado essa temática em particular, destacaremos, em especial, uma fala significativa do cacique João Acosta em relação às dificuldades vividas na aceitação da comunidade da presença dos indígenas guarani.

Em novembro de 2008, a aldeia de Estrela Velha organizou o I Encontro de Medicina Tradicional Guarani, onde estiveram presentes lideranças religiosas e políticas de aldeias guaranis do Rio Grande do Sul, para discutir a sustentabilidade da medicina tradicional. Neste dia, o vice-prefeito fez menção à presença da UNISC na região e agradeceu aos guaranis.

Discutimos sobre os nossos projetos e articulamos novos encontros entre os parceiros dos guaranis para que pudéssemos potencializar nossas ações. Os guaranis solicitaram apoio das entidades presentes em relação a suas terras, maior valorização dos hospitais para com as parteiras guaranis e a manutenção dos saberes dos *Karaí*¹, suas lideranças religiosas. O técnico da Emater afirmou que os *Karaí* e *Kunhãkaraí* representam a concentração da sabedoria milenar guarani e que estão sempre pensando na sustentabilidade da vida. Foi lembrada também a história de permanência destas famílias em Estrela Velha (MENEZES, 2013).

O pastor presente no evento relatou o dia da audiência pública, realizada para a aprovação ou não da vinda dos guaranis para a região. Relata que houve uma reação preconceituosa por parte dos colonos e das lideranças políticas da época, e que estão respondendo processo por calúnia e

¹Karaí e kunhãkaraí são lideranças que possuem um conhecimento da cosmologia guarani em sua dimensão espiritual. São pessoas respeitadas e que coordenam os rituais guarani.

difamação feitas a esse povo. Os colonos não queriam deixar as terras para eles, porque queriam usar para o gado. O vice-prefeito fez referência às dificuldades que os guaranis viveram para se instalar e permanecer nesta área e, por fim, a procuradora deu o parecer favorável.

Em meio à história de inserção dos indígenas nesta comunidade com forte influência germânica, um fato destacou-se na fala do cacique João Acosta: o desafio feito pelos moradores locais de realizarem uma partida de futebol, uma disputa entre indígenas e não indígenas que mede a potência da presença indígena marcada por tantos conflitos interculturais que se atualizam cotidianamente. O aspecto destacado é que os indígenas venceram a grande partida e assim foram legitimados e reconhecidos como novos moradores da região, ainda que os preconceitos não tivessem sido dissolvidos em plenitude.

Chamou atenção a resistência física dos índios e a força da tradição indígena de adaptar-se às novas realidades sem perder a sua identidade. A História mostra como eles de fato resistem, se adaptam e se impõem ante nossa sociedade. Ademais, quando o jogo é vencido pelos indígenas, mostra e reforça que estes estão bem situados na significação de seu mundo, apropriado dos elementos contemporâneos, mas incorporados à cultura guarani.

Rodrigues (2013) afirma em sua pesquisa com lideranças indígenas guaranis do Mato Grosso do Sul, que estes brincavam em suas infâncias com a bola, em diversos campos nas aldeias, como atividades que fortaleciam seus corpos, bem como a mobilidade e o lazer, e que atualmente têm sido práticas de interlocução com autoridades e amigos.

A vitória na partida de futebol vai além da resistência física, pois configura como um fato social de relevância que reuniu em torno de um esporte uma situação de adversário que fez aproximar eventualmente indígenas e não-indígenas, propiciando um local de respeito à individualidade, mesmo que sendo praticado de forma coletiva, possibilitando o exercício da identidade. Além de integrar, a partida pareceu também marcar as diferenças das relações entre as culturas guarani e germânica, do contexto mencionado. Esta tensão se revelou no fato de os índios terem vencido o jogo como uma aprovação por parte da cultura germânica que resistiam ao fato de os guaranis poderem permanecer nas terras em questão.

Estendemos a análise desse fenômeno no qual os guarani ganham a partida de futebol para além da performance de desempenho do esporte, mas uma performance social. Podemos dizer que essa presença expressa pelos indígenas no esporte marca o território cultural guarani, afirmando a fortaleza destes e a capacidade de encontro intercultural, mostrando a capacidade de entendimento de diferentes modos de ser, ou, mais especificamente, entre povos indígenas e não-indígenas.

Ademais, o futebol introduzido nas aldeias nesses últimos anos, nos permitiu algumas análises sociológicas importantes, desde a presença dos campos nas aldeias como a interação com os não indígenas por meio do futebol através de amistosos e competições. O futebol percebido como fato social entre indígenas e não indígenas inserido nessa sociedade do desempenho, da performance, se faz revelar com novos olhares perante a percepção de não indígenas, por terem conseguido ganhar e representar o que a

contemporaneidade admira e valoriza: o desempenho e resultado da performance.

Por mais que não concordemos com o foco direcionado do esporte para o rendimento, é fato que o contexto esportivo ainda é dominado pela lógica do resultado. Representado pelo impacto que os indígenas conseguiram através do jogo vencido, significa o quanto valorizamos o que supera o adversário.

O jogo como espaço imagético de confrontos interculturais com indígenas

Para além do jogo em si, trazemos essa imagem como um espaço simbólico de muitos significados que reverberam até hoje, no inconsciente coletivo de nossa sociedade, no qual ficamos em espaços fronteirços de negação e de invisibilidade indígena de nossa Alma Brasileira. Boechat (2009) desenvolve os complexos culturais evidenciando que existem preconceitos existentes num inconsciente coletivo produzindo comportamentos e arquivando sentimentos compartilhados social e culturalmente, como os de inferioridade cultural, o “complexo de vira-lata”, que seguem sendo projetados em determinados grupos étnicos, como os indígenas e afrodescendentes, como um problema que acredita ser resolvido na projeção de uma exterioridade grupal e comunitária.

Nesse contexto imagético, evidenciamos o campo do futebol como um confronto presente no inconsciente coletivo vivido desde os primeiros momentos de colonização européia, a de que o indígena não tem alma e, por isso, não deve ter terra: a Alma Nullius e Terra Nullius (BOAVENTURA, 2010). Pensando no campo de futebol como imagem, remetemo-nos ao pensamento

simbólico trazido por Boechat (2014), como fundamental no processo de individuação, como a união das duas formas, consistindo numa dimensão complexa no pensar, possibilitando uma junção do pensamento do que aparentemente não pode ser integrado.

A partida de futebol é amplificada como um confronto deste complexo cultural vivido no inconsciente coletivo no qual encontra uma saída saudável a partir do corpo simbólico. Mauss (2003) refere-se aos ritos como técnicas do corpo, nos quais são transmitidos com eficácia os ensinamentos tradicionais. A noção de técnica está ligada à ideia do corpo como primeiro instrumento do ser humano. Para o autor, existe uma educação baseada nas “divisões dos corpos”, por exemplo, entre mulheres e homens, entre crianças, adultos e velhos, as quais podem ser vistas no rendimento (destreza, habilidade), no adestramento e nas posições adotadas. Mauss (2003) descreve que a educação das crianças indígenas organiza-se em detalhes que são essenciais. Esta afirmação abre um leque de possibilidades sobre a educação que nos faz entendê-la através dos gestos corporais e assim, pensá-la a partir da relação que esta estabelece com a própria pele.

O corpo é um símbolo pensado numa dinâmica imagética, e o jogo de futebol entre indígenas e não indígenas representa a dualidade em nossos psiquismos. Remetamo-nos à mitologia guarani que conta, a partir da trajetória de seus gêmeos, um processo de encontro com uma natureza mortal e imortal, aqui trazida como corpo e espírito. O espírito, para Jung (2014), é o que dá o discernimento, a capacidade de reflexão até mesmo frente aos nossos complexos mais inconscientes. E o corpo é a materialidade que dá

substância à compreensão consciente, à lucidez ética nas relações aparentemente contrárias e opostas. Os detalhes do inconsciente estão contidos no corpo e há que movimentá-los.

A partida de futebol, nesse caso, é um jogo de opostos sendo confrontados num mesmo campo. O que parece inconciliável, como as culturas germânica e guarani convivendo num mesmo território, torna-se possível na partida de futebol. E, nesse jogo, os guaranis ganham. Assim, alcançam a autorização germânica para permanecerem. Mesmo sendo diferentes, são reconhecidos como ganhadores. Desta forma, se estabelece a condição social para o diálogo, sempre repleto de contradições que não são dissolvidas, mas estão contidas num mesmo campo comunitário, corporal e psíquico.

Sendo assim, reforçamos o quanto o esporte tem importância social que vai além do esporte elitista e de alto desempenho, ocupando-se da formação de valores e consequentemente da formação contínua de pessoas.

O desporto é ainda um espaço inigualável de formação humana, por ser um domínio cultural, criado livre de finalidades existenciais ou de sobrevivência. Assume-se nele o esforço humano de procura e realização se sentidos sob a forma de vivências motoras (BENTO, 2013, p. 91).

Na vivência corporal está contida a possibilidade de encontro com uma sombra cultural projetada nas culturas indígenas, ou seja, a vivência de contatar a partir da matéria os complexos que nos atormentam pessoal e socialmente. Numa visão alquímica trazida por Von Franz (2018, p. 33), a conexão com a matéria não é a vivência extrovertida projetada nos outros, mas a

conexão com o interior de si próprio, tendo em vista que “o afeto está fixado no complexo”. A rejeição à permanência do indígena é percebida como um complexo cultural e “é nessa camada que se deve agarrar, é nela que se encontra a cura... assim se desce lentamente em direção às amarras mais profundas”.

A partida do futebol é uma imagem psíquica, compreendendo que o psiquismo está no corpo e que anuncia a possibilidade de adentrar nessas camadas mais profundas, numa linguagem criadora. A partida, nesse caso, é um jogo de opostos sendo confrontados num mesmo campo. O que parece inconciliável, como culturas europeia e guarani convivendo num mesmo território, pelas diferenças culturais, torna-se possível naquela situação.

Ressaltamos que, para os indígenas, o futebol é vivenciado como um jogo num sentido ritualístico que leva a uma simetria colaborativa. A dimensão do ganhar a partida foi sendo desenvolvida na relação intercultural. São inúmeras as práticas corporais vivenciadas pelos guaranis como forma educativa.

Comparamos essas atividades com a dança tangará ou Xondaro², realizada fora, é um exercício corporal de vitalidade, de descontração, de “amolecimento do corpo” e de confirmação do rito coletivo, bem como a *Jerojy*, ritual que atualiza o pertencimento emocional e cultural numa perspectiva pessoal e coletiva. Segundo Seu Sebastião, liderança guarani, o termo *Tangará* designado à dança é o nome de um pássaro:

² O estudo da dança foi investigado na pesquisa “A Alegria do corpo-espírito saudável: ritos de aprendizagem guarani”. Dissertação no Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS, 2006.

Tangará é aquele passarinho que sempre voa bem baixinho, daquele azulzinho, da cabeça bem vermelhinha, começa a cantar dali, depois vem direto para lá e depois vem de novo, sempre vai fazendo assim. É o nome daquele passarinho que nós estamos falando *Tangará*. Por isso chama dança *Tangará*, é por causa daquele passarinho. Ele cantava aqui depois ia voando noutro galho, senta ali, depois para um pouquinho, depois canta de lá e senta no mesmo lugar.

A dança guarani *Tangará*³ caracteriza-se por imitar os passos de um pássaro também chamado Tangará, que vai de um lado para o outro, sempre dançando no mesmo lugar e na mesma época. É um pássaro que aparece no verão e que solta um assobio aliado ao seu movimento. O *Xondaro* é uma dança comparada a uma forma de defesa contra os animais, “contra as garras do tigre”, uma antiga preparação para a guerra e também a uma brincadeira que possibilita um “esquentar” dos corpos. Pensamos que a prática esportiva pode e tem espaço para outros aprendizados de lições de valores, além de proporcionar o desenvolvimento de habilidades que se tornam pilares para uma sociedade mais sadia, como empatia, socialização, respeito às diferenças, ética e trabalho das questões sociais.

A dança *Tangará*, bem como o futebol e outras práticas corporais, são pensadas como jogos e estes são percebidos como:

Atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os valores culturais e, portanto, congregam em si o mundo material e imaterial, de cada etnia. Eles requerem um

aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou chances [sorte]. Geralmente, são jogados cerimonialmente, em rituais, para agradar a um ser sobrenatural e/ou para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros (FERREIRA et al., 2005, p. 33).

Ao pensarmos no futebol como relação intercultural, verificamos a partir de Ferreira (2008) que, se por um lado, o futebol tem colaborado no diálogo intercultural entre indígenas e não indígenas, por outro, a dimensão competitiva exacerbada pela sociedade ocidental merece uma problematização maior por parte dos indígenas. É o que estes estão construindo em sua inserção nos jogos indígenas da cidade, nos quais estabelecem uma relação que os autores definem como mimética, é como criar uma segunda natureza. Ou seja: como transformar o futebol numa partida de jogo enquanto ritual, num imaginário sedimentado de que o importante é ganhar? Como enfrentar tensões e transformá-las num encontro de emergência numa partilha emocional?

Como significação intercultural, o futebol é trazido como uma imagem numa perspectiva trazida por Jung (2014), naquilo que pode impulsionar um diálogo entre emoções e significações do encontro com o indígena e não indígena. Segundo Kusch (2012), os encontros interculturais são paisagens que permitem e dinamizam o universo simbólico, tendo como ponto de partida a cultura. Esta é percebida como contextos geoculturais que estão em permanentes dinamismos e que se realizam no processo de simbolização que cada um faz no ato de jogar, de se relacionar. A cultura, conforme Jung (2014), não é algo que exista por si só,

³ Essa caracterização foi revelada pelos guaranis moradores da aldeia Canta Galo, local onde os Chiripá e os Mbyá moram juntos.

como uma entidade absoluta, mas é algo que é vivenciado na relação na qual as pessoas subjetivam.

Quanto mais um diálogo possibilita esses espaços, mais superamos o que Kusch (2012) denomina de vazio intercultural, lugar de não significação por parte dos sujeitos. O autor, ao trazer a noção de “sujeito com cultura” nos faz pensar sobre o sujeito que se apropria da história construída, criando valor sobre sua existência pessoal e coletiva e do “sujeito sem cultura”, que necessita de enfoques desenraizados e, portanto, fluidos, por não serem significados no encontro intercultural.

A partida de futebol é uma prática de saúde comunitária que significa mais do que um exercício instrumental e sim, uma atividade transformadora da consciência, no sentido de prática comunitária que produz uma mudança na saúde da comunidade. Para Góis (2008), saúde é um estar ativo na comunidade, sentindo-se parte desta, influenciando e sendo capaz de agir e de ser ouvido em sua própria palavra. A palavra foi o jogo, o corpo, a mensagem de quanto existe um trabalho e uma educação guarani no fortalecimento de seus corpos e espíritos.

Destacamos que o jogo de futebol nesse contexto propiciou uma conexão dos guarani com o bem estar social em duas dimensões: integração social (avaliação que fazemos das relações que temos com a comunidade: redes sociais, sentido de pertença, laços sociais e aceitação social (além da integração, supõe confiança, identidade social e aceitação dos aspectos positivos e negativos de nossa vida) (SARRIERA, 2015). A aceitação e confiança no âmbito comunitário são aspectos que perpassam a noção intercultural, de convivência e de fortalecimento de

redes de apoio comunitário (MONTERO, 2011).

Conclusão

Este trabalho buscou trazer a reflexão para o esporte vivenciado pelos indígenas e não indígenas como fato social de relevância no campo de conhecimento que busca integrar elementos: a sociedade contemporânea, cultura e esporte. A partir das reflexões do estudo apresentado, reforçamos o quanto o esporte tem importância social que vai além da dimensão elitista e de alto desempenho, ocupando-se da formação de valores e consequentemente de um processo educativo contínuo de pessoas.

A partida de futebol entre indígenas e não indígenas é um encontro intercultural, na qual cada grupo trouxe a significação diferenciada do que é o próprio jogo, dos sentidos de ganhar e perder e da potência do que é o jogar. Para os guaranis, na Estrela Velha, estar naquele jogo significou uma condição de jogar, de se relacionar, de enfrentar a própria corporeidade e “enfrentar o tigre”, o time não indígena. Esse enfrentamento é percebido por nós como um confronto psíquico necessário, com o medo e todos os aspectos de rejeição e ter a força para suportar. Vencer a partida é jogar, é desenvolver as condições corporais, como o fortalecimento muscular, o suor, a agilidade, assim como os espíritos, no sentido de força maligna, de sombra que o guarani enfrenta quando entra na *Opy*⁴ ou quando lida com um não indígena. São dimensões externas e objetivas, assim como subjetivas e internas, que não se separam.

⁴ Casa de manutenção dos rituais guarani. É denominada como a universidade guarani, lugar de sabedoria espiritual.

Um dos principais aspectos destacados é a diferença intercultural na concepção do que é o futebol. Para os indígenas é uma atividade corporal, baseada na ideia de jogo, bem próxima ao sentido dos rituais e para o não indígena, este é vivido como um desempenho, uma meta a ser alcançada. Sem dúvida, este é um campo que merece ser mais pesquisado por parte de profissionais de saúde para compreensão de sentidos do esporte. Além dessa perspectiva procuramos evidenciar o papel do jogo de futebol como saúde, vivida em dimensões simbólicas na aproximação intercultural, como superação das dualidades e complexos culturais que quando negados acirram estados de desintegração social e comunitária, como a solidificação de preconceitos e intolerância étnico-racial.

O desafio superado nesse jogo/desempenho foi o enfrentamento de encontros e desencontros de concepções de mundo e cosmovisões e que foram tão bem representadas nos potenciais que o esporte contém. A vitória para os guaranis representou o fortalecimento do espírito do guerreiro na qual a permanência deles foi confirmada por outras ordens que não apenas a do desempenho, mas a condição de estarem se relacionando em dois planos, como o corporal e o espiritual.

É um diálogo intercultural, pois há uma presença de modos culturais que vão sendo transformados no ato de jogar, de se relacionar, mas que os indígenas mostraram a sua potência em viver esse enfrentamento, de jogar um “jogo dos não indígenas” e vencerem. Um jogo que é experimentado em planos diferenciados, conforme foi discutido no texto e vivenciado como uma prática tradicional, mesmo antes da denominação do futebol.

A prática esportiva vivenciada independente da modalidade é expressa no corpo que perpassa toda uma experiência psíquica e cultural, cabe aos psicólogos e profissionais da saúde estudar o esporte com viés que vai além da qualidade de vida, melhora da saúde física. Levar em consideração o corpo desse indivíduo, que pensa e sente e pode expressar-se através das expressões corporais das mais diversas, que a linguagem verbal muitas vezes não dá conta.

Portanto, cabe uma reflexão para pensarmos a área psicológica enquanto uma ciência menos fragmentada, determinista, utilitarista na intenção de perceber o ser humano de forma mais complexa, que leve em consideração a singularidade do indivíduo, em seus mais diversos contextos culturais, considerando a psique na expressão do corpo e vice-versa.

Referências

- ALMEIDA, V. L. P. Movimento Expressivo: a integração fisiopsíquica através do movimento: ZIMMERMANN, Elizabeth (Org.). **Corpo e Individuação**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Buenos Aires: FCE (trad. de M. Rosenberg), 2002.
- BENTO, J.O. **Desporto: discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2013.
- BOAVENTURA, de S. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: BOAVENTURA, de S. S. & MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortes, 2010.
- BOECHAT, W. **A mitopoesia da psique. Mito e individuação**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOECHAT, W. **A alma brasileira: luzes e sombra**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRACHT, V. **Trilhas e partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais**. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

FARAH, R.M. **Integração psicofísica- O trabalho corporal e a psicologia de C.G. Jung**. São Paulo: Companhia ilimitada/Robe, 1995.

FERREIRA, M. B. R.; HERNÁNDEZ, M.; CAMARGO, V. R. T. C.; SIMSON, O. R. V. Jogos indígenas, realizações urbanas e construções miméticas. **Ciência Cultural**, v. 60, n. 4, 2008.

FERREIRA, M. B. et al. Jogos Tradicionais Indígenas. In: COSTA, L. P. (org.) **Atlas do Desenvolvimento do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil** (edição bilíngue). Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005.

GÓIS, C. W. de L. **Saúde comunitária: pensar e fazer**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

HAN, B.C. **A Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

JUNG C. G. **O livro Vermelho** (Liber Novus). Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

KUSCH, R. **Geocultura del hombre americano**. Rosario: Fundación Ross, 2012.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENEZES, A. L. T. de. A psicologia comunitária no contexto ameríndio: a educação

mitológica Guaraní na indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão. In: LEITE, J. F. L.; DIMENSTEIN, M. (Orgs.) **Psicologia e Contextos Rurais**. Natal: EDUFRRN, 2013.

MONTERO, M. Uma psicologia clínica-comunitária construída a partir da comunidade: praxis latino-americana. In: SARRIERA, J. C. **Saúde comunitária. Conhecimentos e experiências na América Latina**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

OLIVEIRA, D. T. R. **Por uma re-significação crítica do esporte na Educação Física: uma intervenção na escola pública**. 2002. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2002.

SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. (Orgs.) **Perspectiva psicossocial na saúde comunitária: a comunidade como protagonista**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

VON FRANZ, M-L. **A busca do sentido: entrevistas radiofônicas**. São Paulo: Paulus, 2018.

WITTER, J. S. **Breve História do Futebol Brasileiro**. São Paulo: FTD, 1996.

Recebido em 2019-06-13
Publicado em 2019-09-11